



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Núcleo de Desenvolvimento Infantil  
Curso de Especialização em Educação Infantil  
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476  
e-mail : [especializacao.ufsc.ndi@gmail.com](mailto:especializacao.ufsc.ndi@gmail.com) - Fone 3721-8921

LILIAN BERNARDO

**UM LUGAR PARA SE ENCONTRAR:  
A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA AS INTERAÇÕES ENTRE AS  
CRIANÇAS PEQUENINAS**

Florianópolis  
2012

LILIAN BERNARDO

**UM LUGAR PARA SE ENCONTRAR:  
A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA AS INTERAÇÕES ENTRE AS  
CRIANÇAS PEQUENINAS**

Artigo submetido ao Curso de  
Especialização em Educação Infantil para a  
obtenção do Grau de Especialista em  
Educação Infantil  
Orientador: Prof. Rosinete V. Schmitt.

Florianópolis  
2012

LILIAN BERNARDO

**UM LUGAR PARA SE ENCONTRAR:**

**A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA AS INTERAÇÕES ENTRE AS  
CRIANÇAS PEQUENINAS**

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, 19 de março de 2012.

---

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp  
Coordenadora Geral do CEEI

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Msc. Rosinete V. Schmitt  
Orientador

---

Prof. Msc. Joselma Salazar de Castro (PMF)  
Primeiro membro

---

Prof. Msc. Fabiana Duarte (PMF)  
Segundo membro

# UM LUGAR PARA SE ENCONTRAR: A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA AS INTERAÇÕES ENTRE AS CRIANÇAS PEQUENINAS

## Resumo

Este artigo versa sobre a organização do espaço no contexto da creche para a interação entre as crianças, considerando esta como parte da ação pedagógica do professor. As reflexões tecidas neste originam-se de um projeto de intervenção pedagógica que ocorreu num Núcleo de Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis com um grupo composto por quinze crianças com faixa etária de 1 a 2 anos de idade. Está dividindo em quatro partes: uma introdução convidativa à reflexão da interação e suas implicações com o espaço; um mapeamento teórico a cerca do conceito de espaço; uma exposição discursiva sobre a função do professor na organização do espaço para as interações e; finaliza com a apresentação de alguns episódios registrados no momento da intervenção. Parte do pressuposto que as crianças são ativas em suas relações, e que a proposição do espaço pelo professor pode ampliar suas possibilidades interativas.

**Palavras chaves:** interação entre crianças, organização do espaço.

## Introdução

Quando pensamos em interação, logo vem à mente imagens e lembranças de estar com o outro, de compartilhar algo junto, de troca de experiências. Parece-nos claro que para interagir, precisamos nos encontrar com outros seres humanos, e estabelecer alguma ação em comum como: brincar, conversar, tocar, comunicar, ou seja, fazer algo em comum. Tal ideia nos impõe a perspectiva da capacidade de se relacionar com o outro, de construir uma relação a partir da compreensão mutua da ação de um e outro. Mas de fato o que significa interagir? Quais as condições necessárias para que ocorra a interação entre os seres humanos? E especificamente entre as crianças pequenas? Quando o ser humano começa a interagir? O que a educação infantil tem a ver com esta temática?

Ainda que muitas destas questões, já estejam presentes em estudos de diversas áreas, principalmente da Psicologia, o tema não está esgotado. Muito ainda temos de saber a cerca de como ocorre às interações, especialmente quando nos reportamos às crianças bem pequenas, aquelas que ainda não tem o domínio da fala, mas que se comunicam de forma intensa por outros meios, que nós adultos, professores e estudiosos, às vezes nos afastamos demasiadamente.

Embora a interação seja alvo de discussões já algum tempo, de acordo com Musatti (1998), Amorim, Anjos, Carvalho, Rossetti-Ferreira, Vasconcellos (2004) as pesquisas sobre interação entre os bebês são muito recentes. Até a década de 1980, de acordo com Rossetti-Ferreira (1988), poucos autores reconheciam a existência de processos interativos de bebês, ou centravam-se exclusivamente na relação destes com a figura materna, ou com os objetos a eles dispostos. Não havia por parte dos estudiosos atenção devida quanto as situações de encontro entre bebês ou crianças com menos de 2 anos de idade. Até mesmo os estudos que surgem sobre a importância da interação entre as crianças, vão se concentrar na análise de situações de crianças maiores, acima de quatro anos de idade.

No Brasil, o interesse pelas interações entre bebês e crianças pequenas no contexto da creche, surge na década de 1980, a partir das pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa liderado por Rossetti-Ferreira, denominado mais tarde como CINDEDI (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil). Este grupo colabora para modificar radicalmente a abordagem dessa faixa etária. O recurso da observação de crianças, muito utilizado por este, em espaços coletivos da educação infantil, a de videogravação, possibilita a análise de diversas situações observadas, de encontro e troca entre bebês.

Também na década de 1990 houve outros avanços e pesquisas que buscam aperfeiçoar os métodos de investigação dos sistemas de interação entre crianças tão pequenas. Pode-se considerar que a interação entre crianças passa ser uma temática de interesse na área da educação, especialmente da Educação Infantil, a partir do diálogo disciplinar com outras áreas (Psicologia Histórico Cultural, Sociologia da Infância, Antropologia da Criança entre outras) que abordam o papel ativo da criança nos seus processos educativos.

Ainda que alicerçados em diferentes referenciais teóricos, parece consenso para os estudiosos da área da educação infantil (MUSATTI, 1998; GUIMARÃES, 2008; SCHMITT, 2008) que a interação com e entre as crianças é imprescindível para o

desenvolvimento infantil, bem como para planejar a ação pedagógica nos espaços de educação coletiva.

Corroborando Amorim (2002, apud Rosseti-Ferreira, Amorim, Oliveira, 2009) ao afirmar que o desenvolvimento humano é um “processo que envolve construção nas e através das interações que as pessoas estabelecem em cenários específicos, os quais são socialmente regulados e culturalmente organizados”.

No ambiente educativo reconhecer a importância da interação entre as crianças como parte do trabalho pedagógico significa também pensar quais as condições oferecidas para que os encontros e trocas entre as crianças possam acontecer. Um destes aspectos a ser pensado é o espaço, que necessita ser planejado de forma acolhedora e convidativa para o encontro entre as crianças, sejam elas de idades iguais ou diferentes.

Ao considerar o espaço como um elemento importante para que ocorram as interações, percebe-se que este vai interferir sobremaneira nas formas e oportunidades interativas nas crianças.

Este artigo, objetiva tecer algumas reflexões a cerca da organização do espaço, como aspecto imprescindível e fomentador das interações entre as crianças. Na primeira parte trata de aspectos conceituais do termo espaço, ambiente e lugar, na tentativa de mapear as principais visões teóricas da temática na Educação Infantil. No segundo momento, vem destacar o papel do professor e de como sua ação direta na organização do espaço influencia nas relações sociais dos pequeninos. A terceira parte retrata um pouco das manifestações interativas dos pequenos, com episódios oriundos de um projeto de intervenção pedagógica que teve como tema principal a organização do espaço para a interação entre crianças.

### **Definições a cerca do Espaço**

Há algum tempo, temos encontrado no campo de pesquisa da Educação, e principalmente da Educação Infantil, uma preocupação com relação à importância do espaço físico na ação educativa. Os estudos sobre a temática anunciam que, a organização do mesmo de forma adequada e planejada pode resultar em melhores condições no trabalho com as crianças e interferir positivamente nas relações que elas estabelecem com o meio e com os outros.

Ao pensarmos em espaço logo nos vêm à mente as dimensões físicas e estruturais: o prédio, a sala, a metragem, as paredes, etc. No entanto, a contribuição dos estudiosos (CARVALHO, 2004; BARBOSA, 2006;) nos instigam a ampliar nosso olhar e refinar nossos possíveis questionamentos, ou seja, o porquê da preocupação com o espaço físico? O que é o espaço e de que forma ele precisa ser pensado? O que o espaço tem a ver com as propostas pedagógicas de uma instituição de Educação Infantil? É possível pensar em espaço no trabalho com bebês e crianças pequenas? O que isso pode contribuir a esta e outras faixas etárias? O espaço pode definir as formas de interação entre os pequeninos?

Um dos primeiros estudos produzidos e divulgados no Brasil a respeito dessa temática, como menciona Barbosa (2006), foi realizado por estudiosos do grupo Cindedi (Centro de Investigações sobre Desenvolvimento Humano e Educação Infantil), da USP em Ribeirão Preto.

Nestes estudos há a indicação que a compreensão do espaço não se limita apenas na descrição de suas dimensões físicas. Ao contrário, é preciso se ater como ele revela e apresenta as concepções atribuídas ao contexto educativo, ou seja, a presença ou a ausência de objetos e a forma como são dispostos, sempre estão comunicando algo sobre, e para as pessoas que ali convivem.

Corroboram Carvalho, Bonfim e Souza (2004, apud Schmitt, 2008) ao afirmarem que o espaço é composto por aspectos que se inter-relacionam: físicos (os objetos, as paredes, o tamanho), sociais (os papéis desempenhados pelas pessoas que o compõem e sua função social, neste caso crianças e professores de Educação Infantil) e pessoais (percepção que cada um possa ter do espaço ligado às suas experiências sociais). Nenhum desses aspectos existe sem o outro, e cotidianamente interferem entre si. Isto nos permite pensar que as relações no contexto da educação infantil ocorrem num espaço físico, entre pessoas, atravessadas por aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos.

Desta forma, partimos do princípio que o espaço físico na Educação Infantil apreende toda a estrutura física, objetos disponíveis como também a forma como este é habitado pelas crianças e adultos da instituição. Mas de que forma o espaço se torna cenário das relações por quem nele habita?

Lima (1989, apud Guimarães, Kramer, 2009) também afirma que o espaço não se define somente pela metragem ou por suas dimensões objetivas, mas pela forma como é experimentado, transformando-se em ambiente de interações e vida. Ou seja, o

espaço físico, na sua materialidade (composta pelas paredes, moveis, objetos) torna-se um ambiente de vida, na medida em que marcamos neste, nossas experiências relacionais.

De acordo com Guimarães (2006 p: 71)

O espaço objetivo torna-se “lugar de...” experiências, relações, criações; torna-se ambiente de vida a partir das experiências que nele compartilhamos. O espaço é algo projetado, o lugar é construído nas relações.

Inicialmente o espaço da Educação Infantil é projetado e pensado pelos adultos como: os engenheiros e arquitetos que desenham a planta, os professores que organizam a posição da mobília e objetos. Mas apenas quando eles são habitados e vividos é que se tornam ambientes de experiências, ganhando novos e diferentes contornos a partir das relações. Para a autora acima é importante que o espaço apresente a organização do mundo e que favoreça que as crianças experimentem situações expressivas diversas. Revela ainda que não se trata só de produzirmos um espaço aconchegante e gostoso, mas, sobretudo, de considerarmos como o espaço sustenta os planos das crianças e as interações que desenvolvem.

Vale lembrar que o professor é um agente primordial nesta tarefa de beneficiar à criança momentos de troca. Se ele acredita que desde pequenas as crianças podem interagir umas com as outras, trocar objetos, imitar gestos e verbalizações com outro bebê então, cabe a ele o cuidado de planejar intencionalmente ações pedagógicas e organizar ambientes que provoquem e convidem a criança explorar os espaços e se agruparem entre elas, para juntas expressar diferentes linguagens como: corporal, oral, gestual, emocional, artística...

Disponibilizar várias possibilidades dentro de um mesmo ambiente através da variedade de objetos, materiais, sons, etc... Isto pode ampliar o universo cultural e conceitual das crianças.

É importante que o espaço apresente uma organização que favoreça as crianças se encontrarem e experimentarem situações diversas. É preciso perceber que, embora seja o professor o primeiro responsável pela organização do espaço, as crianças também possuem um papel importante. Elas são transformadoras, e intervêm de forma ativa no espaço. Segundo Rosseti-Ferreira, Amorim, Silva & Carvalho (2004), um espaço periodicamente reorganizado, de preferencia com a participação das crianças no



planejamento e com materiais elaborados por elas, possibilita a criação de novas formas de interação, de brincadeiras, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento infantil.

Neste sentido, sabemos que o bebê, desde que nasce, se desenvolve na relação com o outro, adultos e crianças. Há algum tempo atrás se tinha a ideia de que o bebê era um ser extremamente frágil e sua incompletude não lhe permitia interagir ativamente com outros bebês e com o ambiente. Desta forma, não havia uma preocupação em disponibilizar um ambiente que possibilitasse o encontro com seus pares.

É claro que o bebê precisa sim de cuidados e de um ambiente seguro para se desenvolver, mas já é notável, de acordo com pesquisadores como Guimarães (2008), Schmitt (2008), Rossetti-Ferreira (1988), que os pequeninos desde cedo se interessam por seus pares, e são influenciados pelos espaços que podem lhes propiciar experiências novas e descobertas de seu mundo. Assim como as crianças maiores, necessitam de propostas que os desafiam e de espaços que valorizem suas relações e autonomia, o mesmo acontece com os pequeninos.

### **O Papel do Professor na Organização do Espaço Para Interação**

O professor possui um papel fundamental no processo de interação entre as crianças pequenas no espaço de Educação Infantil. Esta responsabilidade recai tanto sobre as mediações diretas que podem ocorrer durante os encontros e trocas, bem como pela forma que ele organiza o tempo e os espaços. Segundo Meneghini e Campos de Carvalho (2003 p: 368)

Os comportamentos infantis são influenciados pelo ambiente físico e social, fornecido pelos adultos, que os organizam de acordo com seus objetivos pessoais, construídos com base em suas expectativas sócio-culturais sobre o comportamento e desenvolvimento infantil.

Neste sentido é importante perceber que os espaços organizados, ou não, de forma congruente, revelam a presença dos adultos junto às crianças. De certa forma, esta intencionalidade não é marcada apenas pela forma como os profissionais disponibilizam os móveis ou os objetos aos bebês. Segundo Schmitt (2008, p: 122) as

marcas da ação profissional são expressas também pelas decisões que os adultos tomam sobre o uso do espaço, “compostas por enunciados reveladores das concepções a respeito das crianças e que formam um ambiente não apenas físico, mas social”.

Deixar os bebês nos berços por muito tempo, ou exigir que as crianças pequenas fiquem sentadas num tapete ou nas cadeiras esperando uma suposta vez de ir ao banheiro, comer ou tomar água, definir o tempo das ações das crianças (brincar, dormir, falar...), escolher em que momentos utilizar o pátio externo e o que pode ser levado para este local etc., são exemplos destas decisões com relação ao espaço, ou seja, as marcas da ação do adulto na relação com espaço não está apenas no que ele dispõe às crianças, mas também nas escolhas de como se vive neste.

Essas decisões são demarcadas também pela composição coletiva do atendimento na educação infantil, especialmente com os bebês. Corroboram Rosseti-Ferreira, Amorim e Oliveira (2004) ao considerarem que a creche é um contexto de socialização diverso do familiar, pois nele um adulto, que não tem necessariamente um vínculo afetivo especial com uma criança, educa e cuida simultaneamente de várias crianças pequenas ao mesmo tempo. Os estudos destas autoras indicam que neste contexto, no grupo dos bebês e crianças pequeninas, o cadenciamento e a frequência da atenção individualizada (trocar, dar banho, alimentar, acalentar) realizada pela educadora, fomenta um tempo de distanciamento desta com as crianças. Em seus estudos, a autora considera que essa dinâmica, onde a atenção individualizada ocupa grande parte do tempo dos adultos, proporciona um tempo e espaço em que as crianças possuem como parceiros mais frequentes seus coetâneos. Ou seja, as crianças pequenas e os bebês ficam muito mais tempo interagindo entre si do que com os adultos.

Isto não significa que estas interações sejam mais importantes. Para Meneghini e Campos de Carvalho (2003, p: 268) “as interações entre crianças são tão importantes quanto às interações adulto-criança para o desenvolvimento infantil, ambas servindo a diferentes funções e exigindo competências diversas das crianças”.

Essas indicações nos revelam a necessidade do adulto profissional em planejar e prever esse tempo e espaço em que as crianças estarão mais entre si, ou seja, cabe a ele pensar nos “cenários” que irão potencializar o encontro entre os pequeninos.

Isto exige também o reconhecimento da capacidade interativa das crianças, desde bebês, bem como a identificação de particularidades do grupo e das crianças em si, que podem ampliar e enriquecer a forma como o adulto pensa neste espaço.

O educador constrói uma relação com o grupo e na medida em que esses vínculos vão se estabelecendo ele vai conhecendo as suas peculiaridades, como por exemplo: seus medos, resistências, choros, alegrias, os olhares, trejeitos do corpo... Para Silva e Costa (2005), conforme o tempo passa a relação que a criança constrói com o adulto, com outras crianças e com o ambiente contribuirá para a construção de uma autonomia maior.

Como salienta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL 2009), cabe aos profissionais possibilitar experiências que permitem ações individuais e em grupo, lidar com conflito e entender direitos e obrigações, que desenvolvam a identidade pessoal, sentimento de autoestima, autonomia e confiança em suas próprias habilidades, devem ocupar lugar no planejamento curricular. O educador pode se tornar um facilitador no processo de interação entre os pequenos e agir como um mediador entre um conflito e outro a fim de que a criança supere as dificuldades que vão aparecendo.

É, portanto, na convivência diária que o adulto vai conhecendo a criança e por meio de um exercício de escuta e observação nos momentos de interação com seus pares, ele poderá perceber a dinâmica das relações que estão sendo construídas. O que se tem claro é que o educador acreditando nas potencialidades diversas dos bebês e na capacidade de os mesmos interagirem poderá planejar estrategicamente ações que possibilite ainda mais o encontro dos pequenos.

Neste sentido lembra-nos Meneghini e Campos de Carvalho (2003, p: 368) que

[...] a criança participa ativamente de seu desenvolvimento através de suas relações com o ambiente físico e social, dentro de um contexto sócio-histórico específico. A criança explora, descobre e inicia ações em seu ambiente; seleciona parceiros, objetos e áreas para suas atividades, mudando o ambiente através de seus comportamentos.

No entanto é mister reafirmar que o educador é peça fundamental no trabalho com os pequeninos, pois é ele quem primeiramente propõe ações, fazeres e distingue em quais espaços os pequenos vão ou não frequentar. Na prática, é necessário saber se o professor acredita que os pequenos são capazes de interagir uns com os outros para assim intencionalmente propor espaços instigantes para que as relações sociais entre eles aconteçam, caso contrário, o educador pode simplesmente mantê-los por mais tempo dentro de sala, nos berços, dependentes de suas ações. ,

O documento Indicador da Qualidade na Educação Infantil (BRASIL/MEC, 2009), nos instiga a pensar na variação dos espaços para os pequeninos ao nos questionar se “As professoras ao longo do dia realizam atividades com os bebês e crianças pequenas em diferentes lugares e ambientes?” Os estudos e pesquisas recentes, e até mesmo documentos legais como o citado acima, afirmam que a exploração diversificada dos ambientes pelos pequeninos e demais faixas etárias contribuem para as relações sociais, culturais e enriquecem o desenvolvimento infantil.

É preciso também considerar que a proposição de ricos momentos de interação que instigue a curiosidade dos bebês e crianças pequenas nos espaços organizados, exige que o professor tenha à disposição materiais adequados e diversificados como: instrumentos musicais, brinquedos de acordo com a necessidade dos bebês, livros com variado estilos, tamanho e pesos, objetos instigantes e sonoros, de diferentes texturas, gravuras ilustrativas de qualidade etc.

Salienta Guimarães (2006 p: 76) que “Cabe ao educador atentar para o encontro das crianças com os objetos e os espaços, compreendendo e mapeando as possibilidades que daí surge”. Conhecer o grupo em que atua em particular cada criança, o modo como brinca, suas preferencias, manias, os amigos em comum, a forma como se alimenta, dormem, realiza uma tarefa e muito mais, auxilia o professor a planejar, reorganizar os espaços, possibilitando a adaptação e criação de materiais, de acordo com as preferencias delas. Portanto, a observação das crianças pelos profissionais é ferramenta imprescindível na ação pedagógica.

### **As Manifestações Interativas das Crianças Pequenas no espaço da creche: o que nos indicam?**

Sob a ideia de que a observação das ações das crianças entre si e no espaço configura-se numa ferramenta metodológica para ação pedagógica, e para futuras reorganizações no ambiente, apresento algumas cenas, do encontro entre elas, registradas durante um projeto de intervenção, em um Núcleo de Educação Infantil, da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, durante o ano letivo de 2011, cujo tema principal foi a organização do espaço para a interação.

O grupo, em que ocorreu o projeto, era composto por quinze crianças de idade entre um a dois anos. Estas se caracterizavam pela diversidade na condição do desenvolvimento (algumas engatinhavam, outras iniciam a andar, algumas já corriam,

bem como começavam adquirir domínio da fala, outros ainda balbuciavam etc.) e pela forma curiosa e ativa em que exploravam os espaços. As crianças que já dominavam a condição do andar gostavam de brincar de se esconder atrás das cortinas, dos lençóis e outros tecidos disponíveis nesse ambiente, apreciavam brincadeiras de correr e de explorar os diferentes cantos da sala. As crianças que ainda não caminhavam, engatinhavam por toda sala, tentavam ficar em pé com apoio nas paredes e/ou nos móveis, como mesa e balcão, se movimentam muito e sempre procuravam estar perto dos brinquedos. De maneira geral, o grupo se manifestava bastante, utilizando-se de diferentes linguagens como: balbucios, olhares, trejeitos do corpo, pelo sorriso, choro, gestos, movimentos etc.

Ainda que no espaço da sala houvesse muitos atrativos, o parque era um local muito desejado por todos. O momento de ir a este espaço externo representava, sobremaneira, a oportunidade de encontro com os irmãos, primos, vizinhos, e ainda a possibilidade de brincar próximas à natureza, em contato com areia e com mais liberdade de movimento.

Durante a intervenção foi imprescindível a observação das ações das crianças entre si e com o espaço. Nas cenas registradas é possível perceber o quanto as crianças utilizam-se do espaço para compor suas trocas e invenções.

Foi possível perceber o quanto os pequeninos buscam o encontro com as outras crianças, indo à busca de descobertas que desafiam seu próprio corpo. Segundo Barbosa e Horn (2008), os primeiros anos de vida da criança estão marcados por uma constante busca de relações: as pessoas, os objetos e o ambiente são interrogados, manipulados, mediante uma atitude de intercâmbio interativo, juntamente com um processo de forte empatia. Em muitas cenas que observei na sala ou no parque, pude notar que estar com o outro é fundamental, e que a forma como o espaço está organizado pode facilitar ou dificultar este encontro. O que indica a importância dos adultos profissionais de pensarem e planejarem sobre esta temática.

Percebo, ainda, que a presença do adulto por perto, tanto na sala quanto em lugares diferentes, deixava as crianças mais seguras e confiantes para explorar os espaços. Ainda que o adulto profissional não estivesse diretamente interagindo com elas, tê-lo à vista era uma forma de se sentir mais confiante. Carvalho (1990) confirma este dado ao considerar, em sua pesquisa, que as crianças pequeninas com menos de dois anos idade, necessitam ter sempre sob sua visão a presença de um adulto que

possui vínculo afetivo. Na instituição educativa esta figura é na maioria das vezes o professor do grupo.

Percebo que este adulto profissional possui, também, como função importante incentivar e acolher as ações das crianças. Na intervenção pude observar o quanto era importante às crianças os aplausos, as manifestações de alegria dos adultos nas situações em que elas estavam realizando conquistas como: alcançar um objeto que estava distanciado, transpor barreiras, passar do engatinhar para o andar, subir e descer dos brinquedos do parque, levar o alimento até a boca sozinho... Todas essas ações acompanhadas pelas expressões e olhares positivos do professor, faziam com que elas sentissem-se realizadas com suas próprias conquistas, impulsionando-as a repetirem as ações.

Durante várias situações observadas no grupo notei que há o desejo e interesse no encontro com os pares, mas também há momento em que preferem brincar sozinhas, ou seja, quando havia uma brincadeira ou mesmo uma proposta de atividade dirigida nem todos demonstravam interesse. Alguns preferiam a companhia dos brinquedos nas prateleiras ou ficar mais isolado em algum canto. A constância desta observação provoca a necessidade de prevermos no espaço propostas que possam acolher as ações individuais, e não apenas coletiva.

Em muitas situações, foi possível também perceber o quanto o espaço exerce um convite para novas descobertas, em que os adultos não estão envolvidos.



Fonte: Lilian Bernardo (Outubro, 2011).

Enquanto estávamos envolvidas na troca de fraldas, Nicolý, (1 ano e 8 meses), Rony (1 e 11 meses) e Lucas (2 e 5 meses), foram em direção ao balcão onde são guardados materiais de uso do professor., Parte do canto esquerdo deste móvel é coberta por um tecido de tnt e dentro deste espaço fica guardado um balde grande com sobras de papéis, como por exemplo cartolina. Foi exatamente neste pequeno espaço que eles se sentaram. Iniciaram uma brincadeira de se esconder no tecido. Por um longo tempo ficaram ali brincando, até que chegou a Ana Beatriz (1 ano e 11 meses), um pouco tímida. Ela foi se aproximando deste grupo e queria participar desta brincadeira, mas preferiu não sentar-se junto a eles. Ela ficou ali por um tempo observando de canto o

movimento deles e em seguida veio até o trocador para nos contar o que a Nicolý, o Rony e o Lucas estavam fazendo., Ela batia em minha perna e apontava para o balcão para que eu olhasse o que aquelas crianças estavam fazendo. Então eu disse para a Ana que logo eu iria lá para ver o que estava acontecendo e pedi para ela ir até lá para brincar com eles. Ela volta em direção ao balcão, mas não senta, pois não havia mais espaço ali. (...) (Caderno de Registro, outubro de 2011)

Nesta cena, podemos observar que fora dos olhares das profissionais, as crianças se encontram e buscam novos espaços para explorar, criando brincadeiras diferentes, se divertindo muito, e por conta disso acabam atraindo a curiosidade e o interesse de seus colegas para brincar. Neste canto não havia de forma intencional algo convidando os pequenos para irem até lá, porém seus olhares estavam atentos para aquele espaço, e para o tecido, que os chamou para criarem e compartilharem aquela brincadeira.

Para Guimarães e Kramer (2009), de modo geral, os espaços da creche e das escolas de Educação Infantil são povoados pelos brinquedos tradicionais (bolas, encaixes, quebra-cabeças, etc.). Com certeza, eles são fundamentais e instigadores, mas há uma série de outras possibilidades que, como indica a cena acima, muitas vezes, permanecem invisíveis como: almofadas, diferentes cerdas de escovas, farinhas, caixas de papelão, etc. Objetos do cotidiano de nossa vida social, às vezes interessam mais às crianças do que os que são produzidos para elas; é importante ficarmos atentos a isso, ampliando suas possibilidades de interação e contato com superfícies, formas e texturas.

Neste sentido corrobora Agostinho (2005, p: 66) ao afirmar que

Os adultos tem a responsabilidade de disponibilizarem, equiparem, organizarem e planejarem a utilização dos espaços da instituição. A organização de espaços diversos e plurais rompe com a lógica do uniforme, igual, oportuniza vivências heterogêneas para o grupo de crianças, distanciando-se de uma perspectiva homogeneizadora que prevê que todos façam a mesma coisa no mesmo tempo.



Fonte: Lilian Bernardo (Outubro, 2011)

No início desta tarde as professoras do grupo V juntamente com o grupo II organizaram um lanche coletivo. As crianças maiores estavam ansiosas para lanchar num lugar diferente e também de encontrarem com os pequenos. O lanche foi organizado debaixo de uma árvore, onde tinha uma sombra agradável. Chegada a hora de as crianças se encontrarem, imediatamente a Leticia (1 ano e 8 meses), viu o seu irmão Caio (5 anos) e começou a chorar, ele foi ao encontro dela e lhe disse: *“o mano vai ficar aqui com você, a gente vai papar juntos”*. Leticia foi se acalmando e não desgrudou um minuto do Caio que acomodou ela ao seu lado. (Caderno de Registro, outubro de 2011)

O encontro entre a Leticia e o Caio, nos revelam que a organização do espaço pelo adulto para momentos como este acima são significativos às crianças, em especial aos pequeninos que estão ainda se adaptando a creche e que sentem falta de terem seus familiares por perto. Para as demais crianças dos dois grupos esta experiência proporcionou a eles uma aproximação direta, a troca de olhares, verbalizações... As crianças maiores se sentiram participativas ajudando a alimentar os pequenos, acalmando-os no colo e os menores se sentiram acolhidos e interagiram muito com as outras crianças.

As observações produzidas durante o projeto de intervenção nos indicam que as crianças são ativas em suas relações, e que a proposição do espaço pelo professor pode ampliar suas possibilidades interativas. A ação do educador neste contexto, mapeando as possibilidades e acolhendo a iniciativa das crianças impulsiona cada vez mais novas interações.

### **Considerações Finais:**

Em virtude do que foi apresentado neste trabalho finalizo o mesmo sob a ótica de que as instituições de educação infantil possuem um papel importante na infância de nossos tempos e que as crianças, em especial as pequeninas, inseridas nesses espaços são sujeitos ativos e que se manifestam através das relações que vão estabelecendo com o meio e com os outros. É visto que o espaço, o modo como é organizado, é importante neste processo de interação entre os seus pares e é revelador das ações planejadas pelo professor.



## BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Kátia. Creche e pré-escola é "lugar" de criança? In: FILHO, Altino José Martins. (Org.). **Criança Exige Respeito: temas em educação infantil**. 1 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005, v. , p. 63-75.

AMORIM, Katia de Souza; VITORIA Telma; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Rede de Significações: perspectiva para a análise da inserção de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 109, mar. 2000, pp. 115-144.

AMORIM, Katia de Souza, CARVALHO, Ana Maria A.; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde, SILVA, Ana Paula S. (orgs.) **Rede de Significações**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

AMORIM, Katia de Souza, CARVALHO Ana Maria A; ANJOS, Adriana M. dos; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VASCONCELOS, Cleido Roberto F. A incompletude como virtude: interação de bebês na creche. **Psicologia: Reflexão e crítica**. V. 16, n.2. Porto Alegre: 2004.

BARBOSA, Maria Carmem. Especificidades da ação pedagógica com os bebês. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – **Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, 2010.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira & HORN Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128 p.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor e Por Força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 240 p.

BERTOLINI, Cândida; CRUZ Ivanira B. UM AMBIENTE PARA EXPLORAR In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. (org.). **Os Fazeres na Educação Infantil**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005, v. , p 149.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. Introdução das **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL, MEC/SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais Específicas para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL, MEC/SEB, Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília, 2009.

CARVALHO, Ana Maria A. ROSSETTI-FERREIRA. A matriz sócio-histórica. In: AMORIM, Kátia de Souza, CARVALHO, Ana Maria A. ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde, SILVA, Ana Paula S. (orgs.) **Rede de Significações**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CARVALHO, Mara Ignez Campos de. **Arranjo espacial e distribuição de crianças de 2-3 anos pela área de atividades livres em Creches**. São Paulo, 1990, USP (tese de doutorado)

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. Educação Infantil: Espaço e Experiência. IN: **Salto para o Futuro**. Programa 5, 2006.

GUIMARÃES, Daniela de Oliveira. **Relações entre Crianças e Adultos no Berçário de uma Creche Pública na Cidade do Rio de Janeiro**: técnicas corporais, responsividade, cuidado. 2008. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, Daniela; Kramer Sonia. (1989, apud Lima, 2009, p. 82) Nos espaços e objetos das creches, concepções de educação e práticas com as crianças de 0 a 3 anos. In: Sonia Kramer. (Org.). **Retratos de um desafio**: crianças e adultos na Educação Infantil. 1 ed. São Paulo: Ática, 2009, v. 1, p. 82-94.

MENEGHINI, Renata and CAMPOS-DE-CARVALHO, Mara. **Arranjo espacial na creche: espaços para interagir, brincar isoladamente, dirigir-se socialmente e observar o outro**. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2003, vol.16, n.2, pp. 367-378.

MUSATTI, Tullia. Modalidade e problemas do processo de socialização entre crianças na creche. In: BONDIOLI, Anna. MANTOVANI, Susanna. **Manual de Educação infantil**. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. pp. 189-201

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (2002, apud Amorim, 2009, p. 438) **Olhando a Criança e Seus Outros**: Uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Psicologia USP*, São Paulo v.20 n.3 p. 437- 464, julho/setembro 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena. In: **Cadernos de pesquisa**. Nov. 1988, vol. 67, p. 59-63.

SCHMITT, Rosinete. **Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês em creches**. Florianópolis, 2008. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação), Centro de Educação, UFSC.